

AVENIDA BENJAMIN CONSTANT

Designação de 25-11-1889

Decreto nº 4547 de 11-10-1974

Formada pela antes denominada rua do Caracol

Início na rua Dr. Ricardo

Término na rua Coronel Quirino

Centro

Obs.: Antes esta rua era chamada de Beco do Roso.

Por volta de 1848, o nome de rua do Caracol foi oficializado em Ata da Câmara Municipal. Por indicação dos vereadores Salvador Leite de Camargo Penteado e Antonio Álvaro de Souza Camargo, em 25-11-1889, recebeu o nome de rua Benjamin Constant. Pelo decreto nº 4547/74, do Prefeito Lauro Péricles Gonçalves, foi transformada em Avenida Benjamin Constant

BENJAMIN CONSTANT

Benjamin Constant Botelho de Magalhães nasceu em Niterói, Estado do Rio, em 18-outubro-1836 e faleceu no Rio de Janeiro, em 22-janeiro-1891. Foi casado com Maria Joaquina da Costa. Órfão de pai aos 13 anos, Benjamin foi amparado pela família Andrade Pinto, que o auxiliou na continuação dos estudos. Estudou na Escola Militar e se bacharelou em Ciências Físicas e Matemáticas na Escola Central. Assentou praça no 1º Regimento de Cavalaria do Exército, em 1852, galgando todos os postos de hierarquia militar até o de general, em 1890, ano em que se recolheu à vida privada. Em 1866, no posto de Capitão, teve destacada atuação à frente de combate, na guerra contra o Paraguai. Era abolicionista e à favor da República. Em outubro de 1887, no Clube Militar, propôs que o Exército adotasse como divisa a Abolição. Desde então a luta pela Abolição e a subsequente pela proclamação de República recrudesceram, apoiadas então pelo meio militar. Benjamin, à frente dos alunos da Escola Superior de Guerra, lutava para convencer Deodoro da proclamação da República e não apenas derrubar o Ministério. A 11-novembro, enfim, conseguiu sua adesão. No dia 15-novembro, tão somente a sua presença à frente das tropas republicanas evitou o derramamento de sangue. Proclamada a República, conseguiu que fosse criado o Ministério da Instrução Pública, para o qual ele mesmo foi nomeado. Após muita insistência, aceitou a pasta no Governo Provisório presidido por Deodoro da Fonseca. De sua atuação no Governo Provisório resultaram: a adoção da atual Bandeira, a lei de separação da Igreja do Estado e a reforma do ensino secundário e superior. Exerceu, mediante aprovação em concurso no qual obteve o primeiro lugar, o cargo de repetidor de Matemática no Colégio Dom Pedro II. Foi diretor do Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant; professor de Matemática na Escola de Engenharia Militar, Na Escola da Marinha, na Escola Normal da Cortene em outros estabelecimentos de ensino.



DECRETO N.º 4547, DE 11 DE OUTUBRO DE 1974.

Dá denominação de Avenida Benjamin Constant à Rua Benjamin Constant.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada Avenida Benjamin Constant a Rua Benjamin Constant (antiga Rua do Caracol), assim chamada por força de deliberação da Câmara Municipal, na sessão ordinária de 25 de novembro de 1889.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revobadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 11 de outubro de 1974

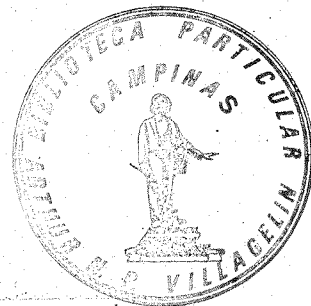
DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
 Prefeito de Campinas
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
 Secretário dos Negócios Jurídicos
DR. JOÃO POZZUTO NETO
 Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 28.478, de 27 de setembro de 1974, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 11 de outubro de 1974.

DR. ARMANDO PAOLINELI
 Chefe do Gabinete

Ratificado por incorporação em 15/10/1994

AVENIDA BENJAMIN CONSTANT



RETIFICAÇÃO

DECRETO N.º 4547, DE 11 DE OUTUBRO DE 1974.

Dá denominação de Avenida Benjamin Constant à Rua Benjamin Constant.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada Avenida Benjamin Constant a Rua Benjamin Constant (antiga Rua do Caracol), assim chamada por força de deliberação da Câmara Municipal, na sessão ordinária de 25 de novembro de 1889.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 11 de outubro de 1974
 DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
Prefeito de Campinas
 DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
 DR. JOÃO POZZUTO NETO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

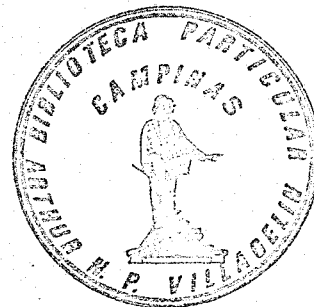
Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 28.478, de 27 de setembro de 1974, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 11 de outubro de 1974.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete

PUBLICADO NOVAMENTE POR TER SAÍDO COM INCORREÇÕES.

RUA BENJAMIN CONSTANT

BECO DO CARACOL OU DO ROSO



Estreitíssima rua de traçado irregular que passava pela propriedade do cidadão Manoel Araujo Roso.

Nome atual: RUA BENJAMIN CONSTANT

(Extraído de "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças Existentes em 1848", às fls. 8 do 2º Caderno da edição especial do jornal "Correio Popular" de Campinas, do dia 14 de julho de 1974. Edição comemorativa do Bicentenário de Campinas)

anpv/02/83



Benjamin Constant

12-10-1974

O Diário Oficial do Município publicou no último sábado o decreto n.º 4547, de 11 de outubro de 1974, que confere a denominação de Avenida Benjamin Constant, atualmente submetida a obras de alargamento no trecho compreendido entre a Rua Álvares Machado e a Avenida Andrade Neves.

De acordo com o decreto, assinado pelo prefeito Lauro Pericles Gonçalves, pelos secretários João Batista Morano (dos Negócios Jurídicos) e João Pozzuto Neto (de Obras e Serviços Públicos), a nova denominação é válida desde o dia 12.10.1974

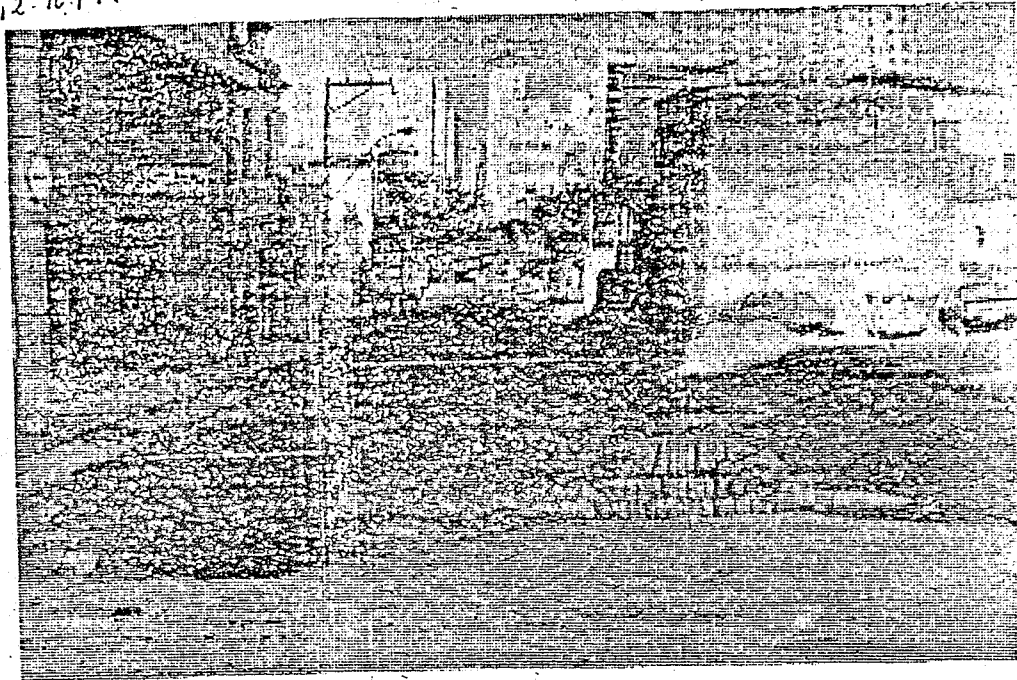
RUA DO CARACOL

Agora avenida, a rua Benjamin Constant chamou-se "Rua do Caracol" até 25 de novembro de 1889, quando os vereadores da Câmara Municipal decidiram conferir-lhe o nome de um dos mais destacados personagens da nossa História, responsável pela implantação da República no país.

Os políticos e praticamente todo o povo viviam na época a euforia republicana e nada mais natural que associar a figura e o nome de um de seus líderes importante via pública de Campinas, cidade que havia sido então um dos principais centros intelectuais da causa da República.

O projeto de alargamento da artéria é de 1937, mas o trabalho teve que ser paralisado algum tempo após o início (depois de ampliado todo o trecho compreendido entre o bairro do Cambui e o centro da cidade), por motivos que a maioria desconhece atualmente.

A Prefeitura decidiu reiniciar em setembro de 1973 a execução do plano (37 anos após sua criação) e desapropriou, para isso, os 29 imóveis localizados no trecho restante,



As obras de alargamento da agora avenida Benjamin Constant estão sendo executadas atualmente no trecho compreendido entre a rua Álvares Machado e a avenida Senador Saraiva. Em novembro, começará a pavimentação asfáltica dessa área

entre a rua Álvares Machado e a avenida Andrade Neves. As desapropriações custaram Cr\$ 2.006.579,00 aos cofres públicos.

ASFALTO EM NOVENBRO

A presença de água nas terras do Largo do Mercado (que já foi uma região pantanosa) representava até há pouco o principal obstáculo à realização das obras de alargamento da avenida Benjamin Constant, e fator da aparente lentidão com que se desenvolviam as operações.

Essa dificuldade foi enfrentada e superada pelos operários da Coordenadoria das Administrações Regionais, que drenaram a área e removeram a terra. Agora trabalhadores da SANASA (o extinto DAF) executam no local o remanejamento das redes de água, transferindo-as do leito carro-

çável para o subsolo do calçamento.

Esse trabalho (acompanhado também de aprofundamento das redes coletoras de esgoto) deverá estar concluído dentro de pouco mais de uma semana e aí então a Coordenadoria das ARs voltará a desenvolver suas operações transportando solo novo para a área e preparando-o para a futura pavimentação asfáltica.

De acordo com o coordenador das Administrações Regionais, Antonio Cunha Mendes, no início de novembro, provavelmente, operários e máquinas da EMDEC — Empresa Municipal para o Desenvolvimento de Campinas — estarão aplicando a camada asfáltica no trecho da Benjamin Constant compreendido entre a rua Álvares Machado e a avenida Senador Saraiva.

Imediatamente após esse serviço, será atacada a segunda quadra da nova avenida, e assim por diante, até o final das obras, quando for atingida a av. Andrade Neves. O coordenador Antonio Cunha Mendes prevê menos dificuldades na execução dessas etapas do alargamento uma vez que o terreno das quadras superiores é, aparentemente, isento de minas d'água.

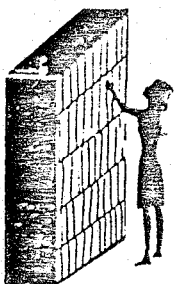
Quando toda a ampliação estiver concluída, a avenida Benjamin Constant terá em praticamente toda sua extensão (do Cambui ao Botafogo), 9 metros de leito carroçável — formando três faixas de trânsito para os veículos — e 5 metros de passeio público para pedestres (dois metros e meio em cada lado do calçamento).

ROBERTO SISSON



Benjamin Constant

Botelho de Magalhães



lançamos a impugnar as relativas insuficiências no assunto do ilustre e meritório outos de «Deodoro».

O retorno ao nosso artigo no último número desta querida revista não é feito em vão. Vem a propósito também da biografia de Benjamin Constant, de Teixeira Mendes, com vistas ao 18 de Outubro, a data natalícia do Fundador da República e o maior dos brasileiros. Não se trata de um livro ladatório: As restrições à ação política de Benjamin ali pululam. Mas, com sua ortografia e seu estilo severo, o bem escrito livro é, no gênero, uma obra prima, sempre atual, como deve ser uma biografia. No seu gênero porque é uma obra séria. Porém o leitor culto, estudioso e político, não a desmerece. Mostra-nos antes, um autor honesto, escrevendo à base de uma ideologia. E isso, uma ideologia, seja de fundo religioso, filosófico ou político, é o que dá espinha dorsal à inteligência de um homem. E Teixeira Mendes, santo do positivismo, sem dúvida, tinha espinha dorsal. E o resultado é que a despeito das restrições que faz a Benjamin, alegadas até no cemitério ante a cova aberta do seu herói, o Fundador da República avulta no livro como é, realmente, o maior dos brasileiros!

Teixeira Mendes vê com sabedoria e concisão o papel histórico de Benjamin quando conclui com trechos como estes dois: «Tal foi a vida gloriosa da que ele que veio, em ocasião oportuna, completar a obra encetada pelo martírio de Tiradentes e continuada pela sabedoria de José Bonifácio». E «Ameaçada a Pátria do militarismo e do clericalismo, tomou a si a direção da revolta republicana para proclamar no governo, como representante do exército patriota, a extinção do regime quarteiro e a supremacia da civilização industrial». Para depois proclamar esta verdade: «...nenhum estadista brasileiro jamais exerceu, e talvez nunca exerça, tão capital influência na nossa evolução».

Contra essas esplêndidas verdades insurge-se frisantemente o regime deturpado, seus governos e a generalidade de nossa inteligência. Porque?

Com a subida de Prudente, subia de novo o latifúndio que nos governa até hoje, aliado ao capital imperialista, com o resultado que aí está. E basta dizer que o Brasil, país produtor por excelência de café e carne a grande massa do seu povo não bebe café nem come carne, para pintar convenientemente essa coisa, obra do latifúndio. Como pode a República deturpada suportar Benjamin Constant, e, folemos bem claramente, seus inseparáveis complementos, Deodoro e Floriano? Floriano, discípulo de Benjamin, que ameaça repelir à barba a concretização da insolente ameaça de desembarque de tropas estrangeiras? Deodoro que, sopitando seus sentimentos pessoais sobre subordinar-se a Benjamin, proclamando a República, e, morto o seu guia e amigo, em tempo repelindo os Lucena e Saldanha, — o urubú que nele já vira um cadáver político e tramavam devorá-lo com o volte do monarca-escravismo — e che-

DIZEM que o irremediável, remediado está. Mas não nos conformamos com a «colaboração» do linotipista relativamente ao nosso artigo no último número desta revista. Não amamos os que nos podem vestir de pomposos méritos alheios, nem os que podem despir-nos dos modestos méritos próprios. Questão de honesta eficiência em prol das honestas finalidades. Então esclarecemos aqui que não é bem nosso aquele início de artigo com suas contradições e omissão de conceitos mais claros e lógicos. Escrevemos, simplesmente, que não se pode enquadrar a difícil arte da biografia no ideal da arte pela arte. E que o moderno biógrafo deve discorrer sobre o seu herói tendo sempre em vista as exigências progressistas do dia de hoje: Sômente para que os erros do passado ajudem os acertos do presente. E só depois de significar isso é que, amigável e construtivo, nos aba-

mer ao poder o homem feitinho por assumi-lo no momento, o Consolidador? E, como nos conta Teixeira Mendes, inutilmente, por iniciativa de oitenta de seus membros, entre os quais se contavam poucos positivistas, o Congresso Nacional Constituinte por unanimidade, a 25 de fevereiro de 1891 proclamava Benjamin falecido dias antes, Fundador da República, acrescentando ainda que: «O Povo Brasileiro pelos seus representantes no Congresso Nacional Constituinte se desvanecia de lhe ser facultada a glória de apresentar este belo modelo de virtudes aos seus futuros Predecessores». Inutilmente, sim, porque para os futuros Presidentes se glorificarem e conformarem com o modelo apresentado, ao invés de cantarem de galinha ante a economia, a política e a cultura imperialista, deveriam ter presente, prontos a repeti-la, a histórica frase de Floriano!

E a nossa inteligência? Amigada em geral à ideologia dançarina da pequena burguesia, a nossa inteligência, se odeia o passado que a oprimiu, não tem coragem de encarar de frente, o futuro que vem, e que já pode espiar pelo janelão da construção socialista, neste mesmo momento frisantemente plantada ante o mundo que a quer ignorar com seu portentoso satélite artificial: essa mensagem de ciência, paz e boa vontade entre os homens que a maldade do imperialismo e a imbecilidade de seus asseclas do mundo colonial querem transformar em ameaça de sua premacia guerreira! E então desanda o cricar subjetivamente, a torto e a direito desde sistemas econômicos até demonstrações culturais, procurando furiosamente o tal chapéu negro no quarto escuro onde ele não está... Como então não tentar ignorar a Benjamin, ignorar, porque Benjamin, como no-lo mostra Teixeira Mendes, não é susceptível de ser atacado, tão acima das paixões de baixo para sua multa memória. Ignora-o, porque apraz-lhe jogar-se no matagal da imaginação sem norte, do «gosto porque gosto», do «gosto não se discute», da arte pela arte» que tão bem veste seu anarcoidis



Benjamin Constant

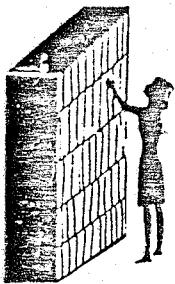
mo mental. E Benjamin há setenta anos atrás, com seu «Orden e Progresso» base de qualquer regime republicano, honesto, mostra que a ciência e só a ciência é bússola para os tempos novos. Mas se quer a nossa intelectualidade a opinião do seu rei, do Rui, sobre Benjamin, gostosamente o transcrevemos, a fim de que medite e se resolva a estudá-lo: «...o ministro, cuja posição no movimento revolucionário, de que ele fora a alma, lhe assegurava, entre os seus colegas, uma ascendência a que não podiam deixar de inclinar-se as opiniões divergentes alma dotada pela mais robusta vocação do bem e impregnada numa devoção religiosa ao melhoramento da espécie e grandeza da Pátria. Benjamin Constant possuía o mais puro dos corações a mais santa das almas, o mais incorruptível dos caracteres, a mais benigne das consciências».

Ao publicar-se este artigo, já se terá passado o 18 de outubro, mas outros virão, e eles assistirão ao retorno a Benjamin, Deodoro e Floriano, à nossa da República vilipendiada e seus governos pró latifúndio e capital imperialista. Porque o Brasil, grande potência industrial, com seu povo rico e forte, culto e livre, pacífico e humanitário, é o Brasil de Benjamin, Deodoro e Floriano.

ROBERTO SISSON

Benjamin Constant

Botelho de Magalhães



DIZEM que o irremediável, remediado está. Mas não nos conformamos com a «colaboração» do linotipista relativamente ao nosso artigo no último número desta revista. Não amamos os que nos podem vestir de pomposos méritos alheios, nem os que podem despir-nos dos modestos méritos próprios. Questão de honesta eficiência em prol de honestas finalidades. Então esclarecemos aqui que não é bem nosso aquele início de artigo com suas contradições e omissão de conceitos mais claros e lógicos. Escrevemos, simplesmente, que não se pode enquadrar a difícil arte da biografia no ideal da arte pela arte. E que o moderno biógrafo deve discorrer sobre o seu herói tendo sempre em vista as exigências progressistas do dia de hoje: Sômente para que os erros do passado ajudem os acertos do presente. E só depois de significar isso é que, amigável e construtivo, nos aba-

lançamos a impugnar as relativas insuficiências no assunto do ilustre e meritório autos de «Deodoro».

O retorno ao nosso artigo no último número desta querida revista não é feito em seco. Vem a propósito também da biografia de Benjamin Constant, de Teixeira Mendes, com vistas ao 18 de Outubro, a data natalícia do Fundador da República e o maior dos brasileiros. Não se trata de um livro ladautório: As restrições à ação política de Benjamin ali pululam. Mas, com sua ortografia e seu estilo severo, o bem escrito livro é, no género, uma obra prima, sempre atual, como deve ser uma biografia. No seu género porque é uma obra setária. Porém o leitor culto, estudioso e político, não a desmerece. Mostra-nos antes, um autor honesto, escrevendo à base de uma ideologia. E isso, uma ideologia, seja de fundo religioso, filosófico ou político, é o que dá espinha dorsal à inteligência de um homem. E Teixeira Mendes, santo do positivismo, sem

Teixeira Mendes vê com sabedoria e concisão o papel histórico de Benjamin quando conclui com trechos como estes dois: «Tal foi a vida gloriosa da que ele que veio, em ocasião oportuna, completar a obra encetada pelo mutilado de Tiradentes e continuada pela sabedoria de José Bonifácio». E «Ameaçada a Pátria do militarismo e do clericalismo, tomou a si a direcção da revolta republicana para proclamar no governo, como representante do exército patriota, a estinção do regime guerreiro e a supremacia da civilização industrial». Para depois proclamar esta verdade: «...nenhum estadista brasileiro jamais exerceu, e talvez nunca exerçatão capital influência na nossa evoluçã».

Contra essas esplêndidas verdades insurge-se frisantemente o regime deturpado, seus governos e a generalidade de nossa inteligência. Porque?

Com a subida de Prudente, subia de novo o latifúndio que nos governa até hoje, aliado ao capital imperialista, com o resultado que aí está. E basta dizer que o Brasil, país produtor por excelência de café e carne a grande massa do seu povo não bebe café nem come carne, para pintar convenientemente esse aí está, obra do latifúndio. Como pode a República deturpada suportar Benjamin Constant, e, folemos bem claramente, seus inseparáveis complementos, Deodoro e Floriano? Floriano, discípulo de Benjamin, que ameaça repelir à barba a concretização da insolente ameaça de desembarque de tropas estrangeiras? Deodoro que, sopitando seus sentimentos pessoais soube subordinar-se a Benjamin, proclamando a República, e, morto o seu guia e amigo, em tempo repelindo os Lucena e Saldanha, — o urubú que nele já viam um cadáver político e tramavam devorá-lo com o volta do monarca-escravismo —) e ch-

macr ao poder o homem feitinho para assumi-lo no momento, o Consolidador? E, como nos conta Teixeira Mendes, inutilmente, por iniciativa de oitenta de seus membros, entre os quais se contavam poucos positivistas, o Congresso Nacional Constituinte por unanimidade, a 25 de fevereiro de 1891 proclamava Benjamin falecido dias antes, Fundador da República, acrescentando ainda que: «O Povo Brasileiro pelos seus representantes no Congresso Nacional Constituinte se desvanec de lhe ser facultada a glória de apresentar este belo modelo de virtudes aos seus futuros Preidentes». Inutilmente, sim, porque para os futuros Presidentes se glorificarem e conformarem com o modelo apresentado, ao invés de cantarem de galinha ante a economia, a política e a cultura imperialista, deveriam ter presente, prontos a repeti-la, a histórica frase de Floriano!

E a nossa inteligência? Amigada em geral à ideologia dançarina da pequena burguesia, a nossa inteligência, se odeia o passado que a oprimiu, não tem coragem de encarar de frente, o futuro que vem, e que já pode espiar pelo janelão da construção socialista, neste mesmo momento frisantemente plantada ante o mundo que a quer ignorar com seu portentoso satélite artificial: essa mensagem de ciência, paz e boa vontade entre os homens que a maldade do imperialismo e a imbecilidade de seus asseclas do mundo colonial querem transformar em ameaça de su premacia guerreira! E então desanda o criar subjetivamente, a torto e a direito desde sistemas económicos até demonsttrações culturais, procurando furiosamente o tel chapéu negro no quartescuro onde ele não está... Como então não tentar ignorar a Benjamin, ignorar, porque Benjamin, como nolo mostra Teixeira Mendes, não é susceptível de ser atacado, tão acima das paixões de baixo páira sua inultra memória. Ignora-o, porque apraz-lhe jogar-se no mataçal da imaginação sem norte, do «gosto porque gosto», do «gosto não se discute», da arte pela arte» que tão bem veste seu anarcoidis



Benjamin Constant

mo mental. E Benjamin há setenta anos atrás, com seu «Ordem e Progresso» base de qualquer regime republicano, honesto, mostra que a ciência e só a ciência é bússola para os tempos novos. Mas se quer a nossa intelectualidade a opinião do seu rei, do Rui, sobre Benjamin, gostosamente o transcrevemos, a fim de que medite e se resolva a estudá-lo: «...o ministro, cuja posição no movimento revolucionário, de que ele fora a alma, lhe assegurava, entre os seus colegas uma ascendência a que não podiam deixar de inclinar-se as opiniões divergentes, alma dotada pela mais robusta vocação do bem e impregnada numa vocação religiosa ao melhoramento da espécie e grandeza da Pátria. Benjamin Constant possuía o mais puro dos corações a mais santa das almas, o mais incorruptível dos caracteres, a mais beniant das consciências».

Ao publicar-se este artigo, já se terá passado o 18 de outubro, mas outros virão, e eles assistirão ao retorno a Benjamin, Deodoro e Floriano, à Cr nossa da República vilipendiada e seus governos pró latifúndio e capital imperialista. Porque o Brasil, grande potência industrial, com seu povo rico e forte, culto e livre, pacífico e humanitário, é o Brasil de Benjamin, Deodoro e Floriano.

Benjamin Constant

O Diário Oficial do Município publicou no último sábado o decreto n.º 4547, de 11 de outubro de 1974, que confere a denominação de Avenida Benjamin Constant, ante submetida a obras de alargamento no trecho compreendido entre a Rua Alvares Machado e a avenida Andrade Neves.

De acordo com o decreto, assinado pelo prefeito Lauro Pericles Gonçalves, pelos secretários João Batista Morano (dos Negócios Jurídicos) e João Pizzuto Neto (de Obras e Serviços Públicos), a nova denominação é válida desde o dia 12. (12-10-1974)

RUA DO CARACOL

Agora avenida, a rua Benjamin Constant chamou-se "Rua do Caracol" até 25 de novembro de 1889, quando os vereadores da Câmara Municipal decidiram conferir-lhe o nome de um dos mais destacados personagens da nossa História, responsável pela implantação da República no país.

Os políticos e praticamente todo o povo viviam na época a euforia republicana e nada mais natural que associar a figura e o nome de um de seus líderes e importante via pública de Campinas, cidade que havia sido então um dos principais centros intelectuais da causa da República.

O projeto de alargamento da artéria é de 1937, mas o trabalho teve que ser paralisado algum tempo após o início (depois de ampliado todo o trecho compreendido entre o bairro do Cambui e o centro da cidade), por motivos que a maioria desconhece atualmente.

A Prefeitura decidiu reiniciar em setembro de 1973 a execução do plano (37 anos após sua criação) e desapropriou, para isso, os 29 imóveis localizados no trecho restante,

entre a rua Alvares Machado e a avenida Andrade Neves. As desapropriações custaram Cr\$ 2.096.579,00 aos cofres públicos.

ASFALTO EM NOVEMBRO

A presença de água nas terras do Largo do Mercado (que já foi uma região pantanosa) representava até há pouco o principal obstáculo à realização das obras de alargamento da avenida Benjamin Constant, e fator da aparente lentidão com que se desenvolviam as operações.

Essa dificuldade foi enfrentada e superada pelos operários da Coordenadoria das Administrações Regionais, que drenaram a área e removeram a terra. Agora trabalhadores da SANASA (o extinto DAF) executam no local o remanejamento das redes de água, transferindo-as do leito carro-

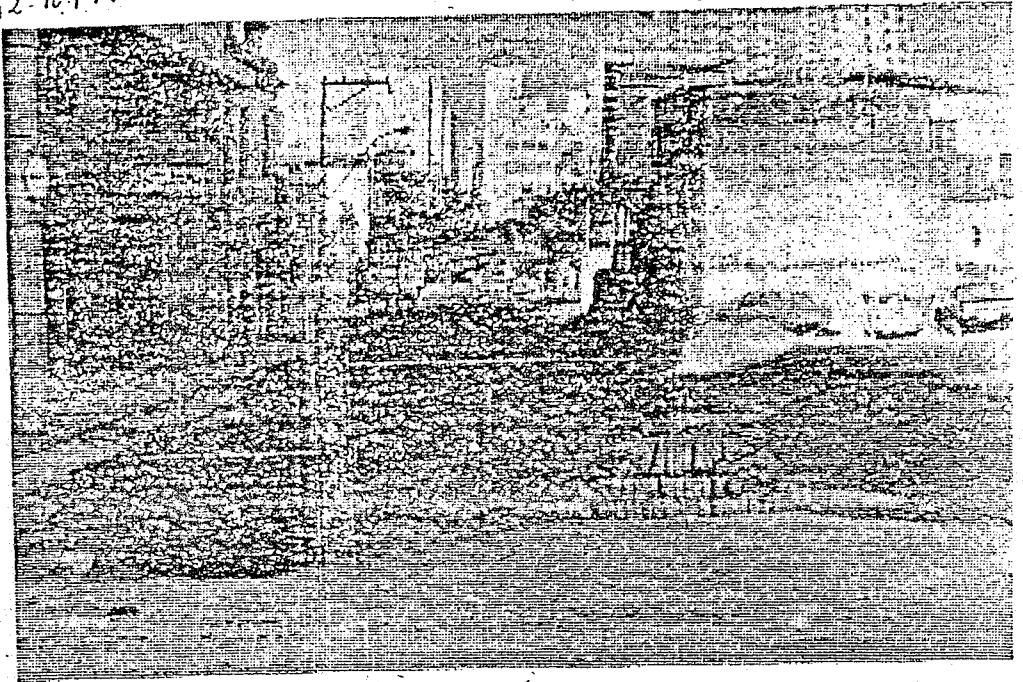
çável para o subsolo do calçamento.

Esse trabalho (acompanhado também de aprofundamento das redes coletoras de esgoto) deverá estar concluído dentro de pouco mais de uma semana e aí então a Coordenadoria das ARs voltará a desenvolver suas operações transportando solo novo para a área e preparando-o para a futura pavimentação asfáltica.

De acordo com o coordenador das Administrações Regionais, Antonio Cunha Mendes, no início de novembro, provavelmente, operários e máquinas da EMDEC — Empresa Municipal para o Desenvolvimento de Campinas — estarão aplicando a camada asfáltica no trecho da Benjamin Constant compreendido entre a rua Alvares Machado e a avenida Senador Saraiva.

Imediatamente após esse serviço, será atacada a segunda quadra da nova avenida, e assim por diante, até o final das obras, quando for atingida a av. Andrade Neves. O coordenador Antonio Cunha Mendes prevê menos dificuldades na execução dessas etapas do alargamento uma vez que o terreno das quadras superiores é, aparentemente, isento de minas d'água.

Quando toda a ampliação estiver concluída, a avenida Benjamin Constant terá em praticamente toda sua extensão (do Cambui ao Botafogo), 9 metros de leito carroçável — formando três faixas de trânsito para os veículos — e 5 metros de passeio público para pedestres (dois metros e meio em cada lado do calçamento).



As obras de alargamento da agora avenida Benjamin Constant estão sendo executadas atualmente no trecho compreendido entre a rua Alvares Machado e a avenida Senador Saraiva. Em novembro, começará a pavimentação asfáltica dessa área